

Resistência à filiação de Gilberto Miranda

GAZETA MERCANTIL

18 SET 1996

O PFL não está com a menor disposição de receber o senador Gilberto Miranda (AM) em seus quadros. Uma semana depois de o senador anunciar que deixaria o PMDB e começar a negociar seu ingresso no PFL, os caciques pefelistas dizem que sequer foram consultados sobre essa possibilidade e deixam clara a disposição do veto. Além disso, manifestaram seu desagrado com as insinuações de que, ao entrar no partido, Miranda receberia em troca a "benevolência" da Receita Federal nas investigações sobre sonegação de impostos nas empresas administradas por ele. A Receita Federal é comandada pelo pefelista Everardo Maciel, primo do vice-presidente da República, Marco Maciel.

Em reuniões nos últimos dois dias com o presidente licenciado do partido Jorge Bornhausen, os pefelistas classificaram como ingênua a idéia de que Everardo Maciel possa se submeter a uma negociação desse tipo. Segundo um líder do partido, o secretário da Receita seria capaz de pedir

demissão, caso recebesse uma ordem superior nesse sentido. Além disso, a máquina da Receita poderia continuar as investigações sobre Miranda – que teria dívidas que somam R\$ 300 milhões com o fisco – à revelia de Everardo.

Informado sobre as ameaças de parte da Executiva do PFL de vetar seu ingresso no partido, o senador Gilberto Miranda (PMDB-AM) partiu para o contra-ataque citando o virtual candidato dos pefelistas à presidência do Senado, Antônio Carlos Magalhães (BA).

"Eu não sei dessa história de veto. Mande eles falarem com o Antônio Carlos. Ligue para o ACM. Acho que ele abona a minha ficha", reagiu Miranda, irritado com os senões do PFL sobre as investigações da Receita Federal. "Isso não tem nada. Sempre pago as minhas contas", disse.



Gilberto Miranda

Apesar do objetivo pefelista de ter a maior bancada no Senado para poder indicar o presidente da Casa no próximo ano, a presença de Miranda no partido é considerada um incômodo e desnecessária para atingir esse fim. O PFL tem hoje 22 senadores – segunda bancada depois do PMDB, com 24. Se Miranda cumprir a promessa de tirar do

PMDB também os senadores Ernandes Amorim (PMDB-RO) e João França (RO), o PMDB passaria a ter 21 senadores e o PFL seria o maior partido independente de qualquer nova filiação. Se o PMDB diminuir, o grande beneficiado será o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), que pretende tornar-se o próximo presidente do Senado.

Com a maior bancada, o PFL passa a ter o direito de presidir a Casa e lava as mãos na disputa

pelo comando da Câmara. A estratégia está diretamente ligada à articulação para aprovar a emenda da reeleição. O partido imagina que a emenda será votada, na Câmara, em janeiro, ainda durante a gestão do deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA). A tramitação da emenda no Senado ocorreria a partir de fevereiro, quando Antônio Carlos já teria assumido o cargo.

"Esperamos que esse assunto esteja liquidado até abril. Estamos otimistas e, pelo nosso cálculo, já temos na Câmara 250 dos 308 votos necessários. Mas vamos chegar a 340", disse Bornhausen. Para chegar aos 340 votos, o PFL conta com o apoio dos governadores, que devem se engajar na campanha pela reeleição, pressionando suas bancadas, e aposta até em alguns votos da oposição. As resistências, como a do presidente do PMDB, deputado Paes de Andrade (CE), serão vencidas pelos resultados das eleições de 3 de outubro. Os pefelistas imaginam que o PMDB sairá enfraquecido das urnas e não terá alternativa a não ser apoiar a emenda para assegurar o espaço que tem no governo.

"Para quem é da base governista, será muito difícil ficar contra a reeleição porque vai mostrar a importância que cada partido tem no governo. A pressão partidária será grande, e a popular também deve ser. Pensamos até na possibilidade de fazer uma campanha para mostrar à opinião pública a importância que a continuidade do governo tem para a estabilidade econômica", disse Bornhausen.